

Foralísticos de Tegos os Países: UNI-VOS:

OS INTELLECTUAIS E A DEMOCRACIA

O clamor, os protestos, as queixas contra a política cultural do Estado Novo, vêm de todos os sectores da intelectualidade: GASPAR SIMÕES anuncia o fim de *«Cultura por todos»*; AGUIAR, em *«O Estado Novo»*, agita as vozes de AQUILINO RIBEIRO e de LUIS CHAVES para condenar o abandono do ensino artístico; o *«Diário da Manhã»* interpõe de obras de Inocêncio de Vasconcelos; o insuspeito DOURADO (pintor) queixa-se da falta de liberdade de espírito e de uma reunião da Câmara Municipal de

Lisboa o vereador ANÍBAL DAVID lamenta as limitações de carácter político feitas aos artistas; o próprio Sécuro se tem feito eco do desejo do povo, dos intelectuais, de uma maior liberdade de expressão (ainda numa sessão comemorativa do 31 de Janeiro 900 pessoas subscreveram uma moção contra a censura), escrevendo, entre outros artigos, que se quer a imprensa se revista de incontestáveis vantagens; a pianista REGINA CASCAIS e o professor do Conservatório FERNANDO LAURE recamam os musos da Universidade para os músicos e edição e divulgação das suas obras; na própria Assembleia Nacional certos deputados não podem deixar de reflectir o descontentamento geral e têm que abordar problemas como o dos intelectuais desempregados (cujo número subiu de 2.000 em 1953 para 4.000), o abandono das escolas, dos museus, da Universidade pelo governo, e ainda há pouco tempo e bem contra sua vontade, o ministro da Educação teve que vir a público responder a críticas que surgiram ao novo Plano de Estudos de Engenharia.

E o tom de todas estas vozes acusadoras atingiu tal grau que Salazar, pretendendo diminuir o alarido, fez uma pseudo exposição cultural que, apesar de real, veio a ser. Porém há apenas uma exposição que tudo revelaria ao nosso povo e ao mundo e que não é possível fazer, porque nestas condições de real, vale a pena, a verdade sobre o que se passou e se passa na União Soviética não quer Salazar que seja conhecida pelo nosso povo. Pura lise o seu governo proibi a publicação de materiais relativos à URSS e à sua história, nega-se, contra a vontade do povo, a estabelecer relações diplomáticas, económicas e culturais com a União

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

AO FIM DE 30 ANOS SALAZAR CONTINUA A PROMETER...

Numa entrevista concedida ao jornalista suíço Emilio Morini, publicada em *«O Século»* de 13-8-56, Salazar não considera um alto nível de vida como o factor fundamental (afinal de onde derivem todos os outros factores) para a felicidade de um povo. Isto é mais que uma desculpa grossa para justificar a incapacidade da sua governação em, num longo espaço de 30 anos, não ter elevado o nível de vida do povo. Ao contrário, esse nível baixou.

Segundo dados oficiais, a capitação do produto nacional bruto de 1938 a 1953 registou um crescimento anual de 1,4%. Mas, tal crescimento não significa, de modo algum, que o nível de vida do povo tenha também aumentado aquela rubrica, visto que o rendimento não é distribuído pelo povo, mas sim, fundamentalmente, pelos monopólios. A distribuição do rendimento nacional que cabe ao povo é feita fundamentalmente através dos salários e ordenados. Ora, os trabalhadores sabem muito bem, por experiência amarga, que os aumentos de salários obtidos, sempre à custa de dura luta, não têm, nem de longe, alcançado o aumento do custo de vida, como até elementos salazaristas têm reconhecido. Logo se torna claro que o nível de vida do povo continua a baixar durante a governação salazarista, enquanto que, por outro lado, aumentam escandalosamente os lucros dos monopólios, grandes companhias e bancos, assim como os rendimentos dos seus lucros, de modo a que Salazar quer fazer acreditar que a felicidade do povo está numa decadente *«ordem moral»*, subentendendo-se ordem moral salazarista que serve apenas para facilitar o enriquecimento, a felicidade, de meia dúzia de monopólios, enquanto a maioria esmagadora do povo empobrece cada vez mais aumentando a sua miséria e infelicidade. Entretanto, Salazar é obrigado a reconhecer que se senão *«quase»* milhares numa *«paga mundial de aspirações limitadas...»* Vê-se assim que

o original conceito de felicidade (que ele sempre é) é batido pela voga que os velhos suíços.

O homem que serve os monopólios nacionais e estrangeiros à custa do empobrecimento geral da Nação, continua ao fim de 30 anos a sonhar com o possível nível de vida *«confortável, mas modesto»*, *«o seu povo viver «bem senso»*, diz ele.

Pela nossa parte, estamos certos de que para conseguir esse nível de vida confortável, primeiro, e depois uma vida mais fértil, o nosso povo terá, sim, o bom senso de se unir e organizar para pôr fim ao regime salazarista. O OBSTÁCULO FUNDAMENTAL PARA ALCANÇAR AQUELE OBJECTIVO.

Cem uma política de protecção aos monopólios e militaristas nenhum governo português, e muito menos o de Salazar, pode proporcionar ao povo um nível de vida confortável, embora modesto.

Salazar refere-se com amargura ao desparcimento por toda a parte da vida poriferar dos velhos tempos, mostrando-se satisfeito por ele ainda existir em Portugal. Esta concepção de vida tem a marca reaccionária, virada para o passado, que se apresenta progressista. Com tal conceito relogado não se pode esperar o desenvolvimento de toda a economia portuguesa de forma a elevar progressivamente o nível de vida do povo português e a tornar o nosso país independente económica e politicamente. Neste aspecto, a política salazarista, mediavels, velhas de séculos, de organização e de administração situa-se a criação das corporações. Mas, não. Salazar e a sua camarilha não conseguiram fazer andar para trás a roda da história. O POVO PORTUGUÊS TERÁ O BOM SENSO DE SE LIVRAR DE SALAZAR E DAS SUAS CORPORACOES. Quanto mais depressa o conseguir melhor será para todos os portugueses e para Portugal.

Na referida entrevista, Salazar chama grosseiramente à crítica e auto-crítica audaz

(continua na pág. 2)

(continua na pág. 2)

A MENTIRA DO CICLO INFERNAL

Quando pretendem iludir os trabalhadores e recuar-lhes o aumento de salários e de ordenados os grandes patrões e autoridades salazaristas (em particular o actual Ministro das Corporações) costumam invocar o adofado argumento da que o aumento dos salários, ordenados e vencimentos implicará, como consequência, a subida do custo da vida, que carismos assim num *«ciclo infernal»*.

A provar que este argumento dos governantes salazaristas e do grande patronato é redondamente falso estão os dados apresentados pelos grandes salazaristas, e que muitos elementos da camarilha salazarista estão ligados. Servindo os interesses dos lucros do grande capital, os governantes salazaristas procuram esconder aos trabalhadores os lucros escandalosos alcançados pelas grandes empresas monopolistas, procurem esconder-lhes a ideia *«de que tudo vai mal, tanto para trabalhadores como para os grandes capitalistas»*.

Vejamos alguns exemplos concretos da maré de rosas em que navegam as grandes empresas monopolistas, sob a sombra acolhedora do governo de Salazar. Tomando como base os lucros líquidos e confessados das grandes empresas salazaristas em 1950 e 1955, verificamos que a maioria delas duplicou os lucros neste espaço de tempo.

EMPRESAS:

LUCROS EM 1950

(contos)

LUCROS EM 1955

(contos)

MAROR	6.767	12.462 (1954)
Comp. Portuguesa de Tabacos	19.005	19.111 (1954)
Banco Espírito Santo	27.591	41.826
Banco de Angola	22.939	49.164
Companhia dos Telefones	14.003	49.613
Banco Nacional Ultramarino	14.572	40.505 (1954)
Comp. Reunidas Gás e Electr.	39.985	55.493
Caminho do Ferro de Benguela	29.256	73.073 (1954)
SACOR	28.611	71.190 (1954)
Comp. Diamantes de Angola	172.075	267.922 (1954)

Vemos, por esta pequena amostra, que os lucros confessados destas grandes empresas aumentaram de 50% a 100% no curso dos últimos 5 anos. E isto não é excepção e ordenados dos seus milhares de trabalhadores mantêm-se estacionários, se é que não baixaram. Por isso mesmo elas vivem crescer de ano para ano os seus astronómicos lucros.

Isto prova-nos claramente que o patronato não o deve pagar melhores salários e ordenados e que o estafado argumento do Ministro das Corporações, ao falar do *«ciclo infernal»*, não passa dum desculpa a favor do grande patronato, que é mais uma arma virada contra os interesses dos trabalhadores.

O EXEMPLO DA REVOLUÇÃO DE 1820

Portugal, há 136 anos, atravessava uma situação difícil. O povo vivia na miséria, os salários eram baixos e a indústria não tinha os melhores regulas das que lhes pertenciam como homens, como produtores das riquezas que outros acumulavam ou entregavam ao estrangeiro, como patriotas que acabavam de expulsar as tropas invasoras de Napoleão, batendo-se com os bravos do exército e organizando guerrilhas.

A burguesia comercial e industrial era poída pelos impostos e por uma política governamental que favorecia os interesses dos grandes proprietários de terras, que não julgava das invasões francesas, que se refugiara em conta nos seus interesses nem as suas aspirações. Os militares recebiam ordens de não se aproximar dos soldados e burguesia, a corrente progressiva de época, apoiou-o, para, numa frente de unidade criada no Porto - o Sinédrio - e apoiou a revolução de 1820, a Revolução Revolucionária ao longo de todo o País, proclamou o Porto um regime liberal, que terminasse com aquele estado de coisas e realizasse a primeira revolução portuguesa para a escolha dos representantes populares que conduziriam os negócios do País.

Os sentimentos populares era evidente o a burguesia, a corrente progressiva de época, apoiou-o, para, numa frente de unidade criada no Porto - o Sinédrio - e apoiou a revolução de 1820, a Revolução Revolucionária ao longo de todo o País, proclamou o Porto um regime liberal, que terminasse com aquele estado de coisas e realizasse a primeira revolução portuguesa para a escolha dos representantes populares que conduziriam os negócios do País.

A Revolução de 24 de Agosto de 1820, que por meios pacíficos implementou um regime progressivo no País, é dada brilhante da nossa história e deve ser tomada como exemplo de que é possível pela existência dum regime unitário e democrático do povo e os militares patriotas descontentes, e auxiliada, desde a primeira hora, pela intelectualidade progressiva!

como patriotas que acabavam de expulsar as tropas invasoras de Napoleão, batendo-se com os bravos do exército e organizando guerrilhas.

A burguesia comercial e industrial era poída pelos impostos e por uma política governamental que favorecia os interesses dos grandes proprietários de terras, que não julgava das invasões francesas, que se refugiara em conta nos seus interesses nem as suas aspirações. Os militares recebiam ordens de não se aproximar dos soldados e burguesia, a corrente progressiva de época, apoiou-o, para, numa frente de unidade criada no Porto - o Sinédrio - e apoiou a revolução de 1820, a Revolução Revolucionária ao longo de todo o País, proclamou o Porto um regime liberal, que terminasse com aquele estado de coisas e realizasse a primeira revolução portuguesa para a escolha dos representantes populares que conduziriam os negócios do País.

Os sentimentos populares era evidente o a burguesia, a corrente progressiva de época, apoiou-o, para, numa frente de unidade criada no Porto - o Sinédrio - e apoiou a revolução de 1820, a Revolução Revolucionária ao longo de todo o País, proclamou o Porto um regime liberal, que terminasse com aquele estado de coisas e realizasse a primeira revolução portuguesa para a escolha dos representantes populares que conduziriam os negócios do País.

ACABEM AS MEDIDAS DE SEGURANÇA

AMNISTIA! AMNISTIA! AMNISTIA!

Todos os portugueses de coração, todos as pessoas de quem o povo e os seus interesses egotistas não tornaram completamente insensíveis até as injustiças e ilegalidades de governo salazarista, apolam e colaboram na luta pela obtenção de uma ampla amnistia para todos os presos políticos e sociais.

No mês de Junho, só em quatro aldeias do concelho de Beja, por exemplo, foram 1.350 assinaturas para o Apelo Nacional de Amnistia, o mesmo sucedendo em muitas outras terras do País. Até hoje esse Apelo foi assinado por mais de 10.000 pessoas. Será o prosseguimento da luta pela Amnistia que levará o governo a ouvir a voz do nosso povo e a libertar patriotas e democratas que se encontram há longos anos nas terríveis prisões salazaristas e que já morrerão, se o nosso povo os não salvar, como é o caso de FRANCISCO MIGUEL, de GEORGETE FERREIRA, de ALVARO CUNHAL e de outros presos, cujos vidos preciosos correm grave perigo!

Com a criação das coleradas *«medidas de segurança»* o governo de Salazar pretende condenar a morte perpétua a democratas e patriotas que se opõem à sua política de guerra e opressão nacional. Damos a seguir uma lista de mais de uma dezena de portugueses detidos e presos à sombra das *«medidas de segurança»* o salazarismo se recusa a libertar apesar de terem já cumprido as suas condenações nas ditas segulhas:

— Álvaro Cunhal	em 24-1-56
— Francisco Miguel	> Nov. de 55
— Joaquim António Campino	> 10-4-55
— José Maria do Rosário	> 9-10-54
— José Magro	> 14-3-54
— Manuel Mendes	> 17-11-55
— Alcino de Sousa	> 2-7-54
— Jácio Paour	> 8-4-55
— Severiano Felício	> 24-5-54
— Ricardo Gonçalves	> 24-5-54
— Francisco de Sousa	> 27-4-53
— Daniel Mota Fustino	> 2-7-56
— João Contre Silva	> 21-12-52
— Jacinto de Palma Luz	> 14-5-56
— Artur M. Valente	> 4-4-56

Reclamar a libertação destes patriotas condenados ilegalmente a morte perpétua é, pelo seu dever, do conjunto de todas as pessoas honradas! Escrevei-nos sentido às autoridades e assim o Apelo Nacional pró-Amnistia!

GEORGETE FERREIRA ESTÁ A SER ASSASSINADO LENTAMENTE!

A todas as pessoas honradas, a todos os portugueses, em cujo coração não morreu o sentimento de humanidade e justiça, apelamos a fazer o que ao seu alcance estiver em defesa da vida do GEORGETE FERREIRA, que está a ser assassinado lentamente pela PIDE, na cadeia do Caxias!

Os seus padecimentos têm-se agravado continuamente em consequência do regime

terrível a que está submetido e pelo facto da PIDE se negar a interná-lo no hospital, como o seu estado exige. Sofrendo dum elevação penal de origem tuberculosa, que se agravou na prisão, Georgete Ferreira sofre continuamente sangue em hemorragias prolongadas. Com uma ulcera no estômago e um padecimento grave no fígado tem por isso de caber quase permanentemente.

O seu estado de magreza é impressionante pois perdeu quase 10 quilos em 20 meses, passando apenas 42 quilos! Nem neste estado Georgete Ferreira escapa ao dolo assassino da PIDE. Por protestar contra a falta de tratamento [castigado recentemente com 70 dias de cela disciplinar, não recebendo qualquer tratamento neste espaço de tempo.

Uma salvar esse vida humana reclamando por talto assinado dum telegrama e teleograma, junto do Ministro do Interior e do Director da PIDE, o seu insuado internacional hospitalar!

ONDE PÁRA FRANCISCO MIGUEL?

Como o *«Avenel»* publicou no seu último número, o grande patriota Francisco Miguel, que está encarcerado há 9 anos seguidos e que já terminou há anos a pena, encontra-se gravemente doente nas prisões da PIDE do Porto, devido às constantes perseguições e maus tratos de que tem sido alvo por parte dos carcereiros.

As últimas notícias dizem-nos que se agravou ainda mais a situação de F. Miguel a ponto da sua vida perigar gravemente. Completamente isolado dos restantes presos, castigado de novo com 20 dias de segredo, apesar de muito doente, sem qualquer assistência médica digna desse nome, desconhece-se neste momento o seu paradeiro e a sua verdadeira situação.

NOVOS MILHARES DE OPERÁRIOS OBTÊM AUMENTO DE SALÁRIOS!

CONTRA A EXPLORAÇÃO E O TERROR NAS EMPRESAS!

Por negociações entre as Comissões Escolhidas pelos operários e os patrões, por concentrações junto das gerências das empresas e nos sindicatos, por meio de exposições aos patrões, sindicatos, I.N.T. e ministros das Corporações, novos milhares de operários, ao fim de vários meses de insistência, viram os seus salários aumentados e muitos outros milhares através de todo o país continuam a luta por aumento.

Na empresa metalúrgica de ANÍBAL ABRENTES (Marinha Grande) todos os operários conseguiram aumento de 1500 a US\$80 por mês. Na fábrica de vidros de MANUEL PEREIRA (M. Grande) todos os operários dos 785 de máquinas foram aumentados em 50% por mês.

Na fábrica de vidros, VIVA REIS (S. Cavém), depois de muita insistência os descarregadores obtiveram aumento de 7500, mas apenas quando desceram a clandestinidade. ESTES OPERÁRIOS DEVEAM INSISTIR PARA QUE O AUMENTO RECAIA SOBRE TODO O TRABALHO. Na SODA POVOA (Santa Iria) o aumento alcançado constituiu num subsídio de 2000 mensais para a renda de casa, MAS OS OPERÁRIOS DESTA EMPRESA desejam a integração do subsídio no salário.

Na C. U. F. o aumento já anunciado de 15% estendeu-se a todas as suas dependências espalhadas pelo país. Por sua vez todos os motoristas de Lisboa e carros ligeiros tiveram uma excepção dos da Carris, alcançaram um aumento de 25%.

Apesar dos aumentos verificados, os salários continuam a ser baixos, pois algumas destas empresas e nas cidades em números anteriores do «Avante!» há muitos operários cujo salário não ultrapassa 2500, o que é uma verdadeira miséria dando o elevado custo da vida.

Os aumentos já obtidos por dezenas de milhares de operários são uma garantia de que em todas as lutas os operários, patrões e empregados serão aumentados se insistirem na luta bem unidos junto dos pa-

trões, dos sindicatos, dos delegados do I.N.T. e do ministério das Corporações.

Os aumentos já verificados são também uma demonstração de que os operários e patrões se podem entender muito bem, com vista a novos aumentos e novas condições de trabalho, sem a interferência, quase sempre conflituosa, das autoridades governamentais, particularmente do bando da direita, metida dos patrões está disposto a fazer-lhe sem pressa incómoda e erubescência das forças repressivas. Mas também, é verdade, há alguns patrões (ou seja sempre grandes) que logo que os operários se lhes dirigem os provocam com insultos, no mesmo tempo que chamem a PIDE, GNR, etc., tal os casos, por exemplo, de que a gerência da firma Faral Monteiro (Povo Pinheiro) e de propriedade de VÍCTOR (Alcobaca). Há ainda outros patrões que quando os operários pedem aumento os ameaçam de despedimento. Estas atitudes pouco limpas e desumanas têm por objectivo impedir a acção dos operários e, portanto, não os aumentem. Mas, se os operários se unirem sempre e forem persistentes defendendo a sua luta, não vão mais cedo, ou um pouco mais tarde, alcançarem melhoria de situação — alcançaram a vitória.

A LUTA E A LUTA DO NOSSO POVO VISTA DO ESTRANGEIRO

As lutas do povo português contra o regime salazarista têm sido, como estas, desde, tornam-se cada vez mais conhecidos num número crescente de países. Sabemos que numerosas publicações estrangeiras se têm dedicado a estudar a situação portuguesa. «FRAVDA», órgão central do Partido Comunista da União Soviética, publicou no começo deste ano um longo artigo sobre a situação do Portugal de Álvaro Cunhal. «A MULHER SOVIÉTICA», revista soviética que se edita em várias línguas, publicou no seu número do mês de Maio um artigo consagrado ao assassinato de Catarina Eufêmia.

«PROBLEMAS», revista brasileira de cultura marxista, publicou no seu número 67 a biografia do camarada Álvaro Cunhal. «VOZ OPERÁRIA», semanário brasileiro, também publicou vários artigos sobre a repressão salazarista, destacando-se o de 17-3-56 sobre a luta de Álvaro Cunhal.

«IMPRESSA POPULAR», diário de Rio de Janeiro, tem também publicado regularmente notícias de Portugal. Assim a 23-3-55, 13-3-56, a 3-4-56 e em outras ocasiões tem publicado artigos e «Cartas de Lisboa» desmascarando a acção do governo de Salazar e apoiando a luta do nosso povo contra o regime salazarista.

«L'HUMANITÉ», órgão central do Partido Comunista Francês, publicou a 25-5-56 um

artigo de Max Léon, ilustrado com a reprodução da imprensa do Partido Comunista Português, intitulado «Portugal depois de 30 anos de «Revolução Nacional», que ocupa quase toda uma página deste diário, onde se localizam os aspectos da política do nosso país e as lutas dos trabalhadores. Também a 16-1-56, a 23-1-56 e a 26-3-56 este grande jornal do povo francês publicou notícias sobre a repressão em Portugal.

«UNITA», órgão central do Partido Comunista Italiano, publicou a 20-3-56 um artigo consagrado ao Partido de Álvaro Cunhal sobre a situação deste nosso camarada. «L'ESPANHA», semanário dos emigrados anti-franquistas em França, publicou vários artigos sobre Portugal, destacando-se entre estes o de 9-2-56 sobre a vida dos anti-salazaristas presos.

«LE LIBERTAIRE», semanário anarquista francês, publicou a 19-12-55 um artigo sobre a situação dos jovens presos no Porto.

«LE MONDE», importante jornal diário francês, publicou em Janeiro deste ano uma carta assinada por Álvaro Cunhal sobre o regime prisional em Portugal.

Em São Paulo (Brasil) começou a ser publicado em Julho, deste ano, o semanário «PORTUGAL INACABADO». De seu primeiro número destacamos o artigo sobre a prisão dos jovens e outro sobre as lutas do povo português, além de informações sobre a situação sobre a situação política no nosso país.

Na fábrica de LOIÇA DE SACAVÉM, os operários são vilmente explorados, infame imposta pelos patrões ingleses, vivem num ambiente de repressão e terror. Há aqui mulheres a ganharem a miséria de um salário de 1000. O desleixo pela vida dos operários é total. Os salários baixam ao belo prazer dos patrões; as multas e os castigos com suspensões de trabalho e até de despedimento sucedem-se por cima de por cima. Os operários não podem falar uns com os outros. A direcção da empresa instalou ali um agente da PIDE, comulhado por o chefe de polícia da Judicatura, o que é uma verdadeira conquista. Este agente, com o seu chapéu de chuva que o senhor polícia procura nas lanchinhas dos operários (1). Durante o último inverno, foi alçado para cima de uma camioneta sem qualquer resguardo, um operário que tinha adoecido e enviado para casa, e não para o hospital, onde chegou já morto. Os operários que tinham de despedimento, não tinham mais de 6 meses são despedidos, enquanto que os idosos têm um verdadeiro horror às doenças, porque se eles se prolongam perdem o direito a qualquer coisa.

As autoridades locais e governamentais conhecem tudo isto mas, longe de impedir tais actos arbitrários e desumanos, ajudam os patrões a fazerem isso, enviando para as empresas agências policiais pagas com o dinheiro roubado aos próprios trabalhadores.

Para fazer frente à exploração e repressão nas empresas, os trabalhadores só têm um meio, mas muito eficaz, organizem-se em comissões, unam-se e lócs uns resistem infante e fazem frente à repressão, enviando até à paralização de trabalho para imporem, aos patrões que assim procedem e do governo, respeito pelos seus direitos. Então para isso devem ser verificados as suas lutas reivindicatórias.

OS OPERÁRIOS DE PORTIMÃO INDICAM O CAMINHO!

Como resposta a um justo pedido de aumento de salários feito numa fábrica de conservas de Portimão, o dono desta despediu 2 operários indolentes por tal atitude e num belo exemplo de solidariedade, todos os 200 operários a operárias da fábrica se declararam em greve, no que foram apoiados pouco depois pelos 400 operários e operárias de duas fábricas próximas.

Após a paralização, os 600 operários e operárias dos 3 fabricas juntaram-se em manifestação nos escritórios da empresa que pertenciam os operários despedidos e não saíram dali enquanto não lhes garantiram a imediata reintegração dos dois operários, o que obtiveram.

O caminho seguido pelos operários Conservadores de Portimão é mais uma comprovação de que a unidade da classe operária é o único meio de fazer respeitar os seus direitos e defender os seus interesses.

AUXÍLIAM O «AVANTE!»

O «Avante!», jornal dos trabalhadores e do povo português que é o despoio de todos as perseguições da polícia política continua a publicar-se regularmente, vive exclusivamente do apoio e auxílio dos seus leitores e amigos. Se simplifica com a acção do «Avante!» e se deseja que este valente da imprensa livre continue a viver e a levar a todo o país as notícias sobre a vida e a luta do nosso povo, auxilie o «Avante!» enviando-nos a sua contribuição (se formos) a um grupo de Amigos do «Avante!»

PROSSIGUE A LUTA DOS SOLDADOS

Num quartel de LISBOA, os soldados fizeram vários protestos contra a atitude do seu comandante tendo conseguido que fosse melhorado.

Num quartel do Alentejo também os soldados se levantaram protestando contra o rancho. O oficial disse que, nos artigos assobios dos soldados, se dirigiu ao refeitório para saber o que se passava, concordou que o rancho não prestava. Ainda não entenderam os soldados que principiaram o protesto, mas não conseguiram descobrir quem tinha sido. Desde então o rancho melhorou.

Neste mesmo quartel, há um tenente que espanta frequentemente os soldados. Há pouco, vergastou um soldado, deixando-lhe o corpo todo negro. O médico do quartel não só não fez nada como também não deu assistência.

OS INTELLECTUAIS...

(continuação)

Significa que a política de obscurantismo, retrocesso e ignorância em regime autoritário, que sobrevive à custa do mais feroz terror e do apoio estrangeiro, política que assenta na odiada censura e na repressão das liberdades, não é a verdadeira nas artes, letras e ciências, é condenada pela grande massa dos trabalhadores das artes, letras e ciências. Significa que um punhado de grêmios, que não têm nada a ver com o povo, não podem entender as já remotas tradições patrióticas e progressivas da intelectualidade e da Academia da nossa terra, que, mais uma vez, tem os seus olhos voltados para as lutas liberdades.

E não podem porque essas tradições não são fortes como o próprio povo, onde pulcham suas raízes. E não podem porque aquelas tradições que à classe operária — classe ascendente da sociedade de hoje — compels perseverar e valorizar, como todas as tradições da classe trabalhadora, não são a verdadeira força de evolução histórica. Mas, como vemos a classe operária não está só na sua luta pela defesa e revigoração das tradições da classe trabalhadora, muito bem denunciando um crime, como um atentado contra a cultura nacional é hoje reconhecido pela maioria esmagadora dos intelectuais e estudantes.

mento, como ainda o castigou com 4 dias de prisão. Em BEJA, os soldados passam fome porque o rancho nenhum o pode comer — consola quase sempre de arroz com bacalhau ou peixe podre, ou enfiado do doce da cozinha — e a falta de comida e de roupa que cheiram mal.

A BURLA DA PREVIDÊNCIA

DESMASCARAR POR UM MEMBRO DA «UNÃO NACIONAL»

Porque foca com espírito realista a situação dos serviços da Previdência e do Comissariado do Desemprego, passamos a transcrever as afirmações desmascaradas do Dr. Malos Gomes no recente Congresso da «União Nacional».

A «Previdência e Assistência», publicada a páginas 25, 26 e 27 do volume «Vida Social», que contém as lesões apresentadas pelo Dr. Malos Gomes.

«Verifica-se, no entanto, que, à medida que a Previdência da «União» avança como polvo financeiro, capitalista, plutocrático, proprietário, a tendência é, em todo o complexo das sociedades modernas, mais e mais pesada é a tarefa que incumbem à Assistência do Estado ou do Estado como tal, para garantir a existência de um indivíduo que não pode trabalhar. Quer dizer: em vez de solucionar problemas, de aliviar situações, de valorizar e servir o homem que trabalha e produz, a Previdência, ao contrário, cria um problema, a saber, a existência do indivíduo que não pode trabalhar. Este é apenas a fonte de receitas gigantescas destinadas ao uso e ao abuso do Estado como tal, para garantir a existência de um indivíduo que não pode trabalhar. Quer dizer: em vez de solucionar problemas, de aliviar situações, de valorizar e servir o homem que trabalha e produz, a Previdência, ao contrário, cria um problema, a saber, a existência do indivíduo que não pode trabalhar. Este é apenas a fonte de receitas gigantescas destinadas ao uso e ao abuso do Estado como tal, para garantir a existência de um indivíduo que não pode trabalhar.

«Numa boa Previdência, que fosse efectiva, propriamente dita, não se poderia também nem um verdadeiro para que todos contribuímos obrigatoriamente nem preciso como fadada que é. Além, o Desemprego serve para tudo, para a maioria dos indivíduos que se viram a braços com a dolorosa situação de desempregados. A colocação de desempregados seria tarefa específica de organização sindical. É a Lei

que o diz. As situações de ordem material emergentes do desemprego forçado só poderiam competir à Previdência».

«Tal como foi instituído em Portugal, o seguro obrigatório obedece a um critério de solidariedade social».

A aplicação de capitais pertencentes aos trabalhadores é posta assim inteiramente ao serviço da outra «classe», a capitalista, que se aproveita do trabalho dos trabalhadores para se enriquecer e para eles destruir o trabalho.

«O seguro social funciona no contrário. Há que procurar outros métodos e outros meios para a solução do problema do desemprego. A previdência é o inimigo do trabalho, não a Previdência é a «conhecida».

«O seguro social funciona no contrário. Há que procurar outros métodos e outros meios para a solução do problema do desemprego. A previdência é o inimigo do trabalho, não a Previdência é a «conhecida».

«O seguro social funciona no contrário. Há que procurar outros métodos e outros meios para a solução do problema do desemprego. A previdência é o inimigo do trabalho, não a Previdência é a «conhecida».

«O seguro social funciona no contrário. Há que procurar outros métodos e outros meios para a solução do problema do desemprego. A previdência é o inimigo do trabalho, não a Previdência é a «conhecida».

to da Previdência e do Comissariado do Desemprego. Não nos temos a acrescentar ao que o Dr. Malos Gomes disse no Congresso do seu partido, as nossas afirmações e de dele são ilhas dum realismo bem grávido.

AO FIM DE 30 ANOS...

(continuação)

Soviética e proibiu até a simples visita de portugueses à União Soviética.

Num mundo em que dezenas de países, com uma população de mais de metade da população mundial, regem as suas relações internacionais pelo princípio da coexistência pacífica, Salazar sentiu-se obrigado a referir-se-lhe, mas para afirmar clinicamente que «em todo parte a tendência expansionista é verdadeiramente imperiosa».

«A Europa e em toda a parte, todas as divergências devem solucionar-se pacificamente. Reduzir a Europa a Portugal, isto quer dizer: entre os países capitalistas todas as divergências podem ser solucionadas pacificamente (coloca que na prática ele não segue). Ao contrário, para as divergências entre países capitalistas e países do campo socialista a guerra é o único meio para as solucionar. Naturalmente, não é possível estranhamente num mundo em que o princípio da coexistência pacífica tenha continuamente novas adesões.